

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad braviun
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christi* (XXXV) Sciencia necessaria, pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notacris da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CURRICA: *A's portas do céu*, pelo ex.^{mo} snr. J. P. Muiro; — *A campanha contra a descrença religiosa*, pelo ex.^{mo} snr. Placido de Vasconcellos Maia. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre nullidade d'un matrimonio*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Gulhermina*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida; — *Epigramma*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida; — *No deserto*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Tentação de Jesus no deserto*; — *S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias*, pela redacção. — **RETROSPECTO:** pela redacção.

Gravuras: *Tentação de Jesus no deserto*; — *S. Francisco Xavier, apostolo das Indias*.



TENTAÇÃO DE JESUS NO DESERTO

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XXXV

SCIENCIA NECESSARIA

NESTE seculo das luzes de pirilampo, que sómente ao través das trevas da noite brilham, e perante o sol do céu se offuscam e desapparecem, como se nada fossem: n'este seculo das luzes da noite e das trevas do dia no erro mais lastimoso, vemos irem de braço dado a illustração mais phosphorescente com a ignorancia mais lastimavel.

Vemos, não rara vez, mas com frequencia, que muitos e muitas, que nas salas brilham pelos seus dotes de boa sociedade, vivem na maior ignorancia acerca do que a todos mais importa conhecer.

Ainda que seres intelligentes, nunca pensaram a sério na sua origem; contentes com saberem que são filhos dos seus paes, como estes o foram dos avós d'elles: mas o primeiro homem e a primeira mulher de quem nasceram? A alma que não é materia e não póde, pelo mesmo, proceder de cousa nem d'acção material d'onde procede?

Sem reflectirem que os nossos primeiros paes não poderam ter paes por serem os primeiros; nem poderam nascer espontaneamente no solo que não contém elementos animadores, causa analoga ao nosso ser organico-animado; nem d'evoluções aperfeiçoadoras de nenhuma outra especie animal, porque a mais perfeita d'ellas fica muito além da nossa, e o que a nossa tem essencialmente a maior estaria sem razão sufficiente, o que philosophia alguma póde admittir como possivel. E além d'isso, se, na parte animal, temos semelhança com os irracionais, é sempre certo que no racional nos topamos sós no concurso da natureza visivel e a causa tem necessariamente de se. da natureza do effeito; resulta, pois, claro que nunca poderemos n'ella recusar a causa da nossa racionalidade, que tambem não póde estar em si mesma; porque repugna que uma causa seja causa de si propria, que equivale a ser e não ser ao mesmo tempo.

E' pois necessario sahirmos das diversas séries do mundo creado em demanda do titulo da nossa gerarchia e sómente em Deus o poderemos topar.

Além d'isso a nossa alma como espiritual é simples e ao iniciar-se no seu ser não póde proceder d'outro ser, pois n'esse caso resultaria composto; hade sahir portanto directamente do nada, e como do nada ao ser ha uma distan-

cia infinita, para a salvar torna-se necessario o poder da omnipotencia. A fé e a razão estão d'accordo n'este acerto. Sómente Deus podia crear e creou o homem.

Mas esta verdade, ainda que clara á luz da razão, apparece escura e deturpada em muitas intelligencias entre as sombras de mil preconceitos, erros d'escola, leituras avariadas e paixões torpes.

D'aqui que muitos dos nossos irmãos desconhecendo a sua origem arrastem na ignominia a sua dignidade augusta.

D'aqui a aviltação do individuo, da familia e da sociedade humana e, para deter essa torrente de desventuras, a necessidade d'ensinar essa verdade no lar domestico, na escola elementar e no portico do templo com a palavra. e com a penna no livro, no folheto e no jornal.

E continuemos. Deus creou o homem, e para que fim o creou?

Eis ahí outra noticia scientifica para todo o homem racional necessaria, quando chega a poder fazer uso das suas faculdades intellectuaes.

Deus infinitamente racional, creando-nos, certamente nos creou para um fim perfectissimo, que não póde ser outro, que para a sua gloria, porque sómente Elle é infinitamente perfeito, e sendo como somos racionais, vemos claro que só daremos gloria a Deus acatando seus preceitos n'esta vida, para depois gosar no seu amor na outra.

Nascemos, vivemos e morremos suspirando por uma paz, por um descanso, por uma honra e por uma felicidade, que aqui ninguem sonha possuir, porque tudo é caduco e mutavel, e a todos os que nas venturas vão resta o susto de as vir perder.

Ninguem aqui se dá por satisfeito, ha para todos ais; e não admira, porque todos aqui imus no desterro, e quem não tem fome, soffre a sede, quem tem posição, suspira por dinheiro, o que tem dinheiro ambiciona posição, o que não soffre d'estomago, sente os horrores da gotta ou do rheumatismo, o que tem boas pernas, carece de boa cabeça, muitos que tem bons dentes carecem de pão, e a muitos que tem pão faltam-lhes os dentes, tem razão para chorar os que choram, e muitos dos que riem estavam melhor chorando.

Vivemos todos aqui no pó da terra e muitos deitados na lama, e, sendo o nosso fim tão alto, todo o filho d'Adão aqui suspira, muitos porém nem sabem o que vão buscando: pois, se bem o soubessem, não iriam, como os vemos ir, por caminhos escuros e em direcção inversa ao unico logar onde a nossa ventura descansa.

E não será de toda a justiça que essa sciencia a todos necessaria se diffunda até aos ultimos confins do mundo? oh! se o é!

E assim o procura fazer o missionario, o sacerdote, e o catechista: mas nem tanto basta; é necessario que a mãe, a esposa, o pae e o mestre-escola, o patrão e o superior o façam, entrando assim a serem soldados fieis e valorosos na milicia christã.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 237)

CCLXIX

P. Martim de Roa

NESTE sabio e laborioso jesuita hespanhol nasceu em Cordova, no anno de 1563. Abraçando, na idade de 15 annos, o instituto de Santo Ignacio, votou-se com dedicacão e zelo ás funcções proprias do seu ministerio e aos trabalhos litterarios.

Por suas virtudes e sciencia, apesar da sua repugnancia, o P. Martim de Roa occupou os principaes cargos da sua Ordem. Foi reitor de varios collegios, provincial em Sevilha e procurador geral em Roma, desempenhando com universal applauso os seus deveres. Regeu successivamente a cadeira de rhetorica e de Escriptura sacra no collegio da Companhia, na cidade de Cordova.

Regressando de Roma á Hespanha, demittiu-se de todos os seus empregos e não se occupou mais que do estudo e do cumprimento dos seus deveres religiosos. Falleceu este bom jesuita a 5 de abril de 1637.

Era muito instruido em historia, principalmente sagrada e ecclesiastica, e em antiguidades. A sua eloquencia, o seu zelo e a sua piedade lhe adquiriram grande consideração entre os sabios do seu tempo, não só entre os seus confrades, mas ainda entre os estranhos, sendo consultado nos pontos mais difficeis da historia sagrada.

Como agiologo sobretudo, tem sido muito lido e consultado este jesuita, e tambem como interprete dos livros santos. E' extenso o catalogo das suas obras, que pela maior parte são escriptas em latim, e algumas em hespanhol.

CCLXX

P. Pedro de Cloriviere

Jesuita celeberrimo na França, nos principios do seculo actual, foi o P. Pedro de Cloriviere, nascido na Bretanha, no anno de 1735. Teve a gloria de restaurar n'aquelle paiz a Companhia de Jesus, depois do seu restabelecimento solemne por Pio VII em 1814.

Quando em 1763 a Ordem de Santo Ignacio foi supprimida na França pelo poder temporal, sob falsas accusações, como succedeu egualmente em todas as nações, o P. Cloriviere continuou a exercer o seu santo ministerio do modo possivel; e o mesmo praticou nos tempos mais criticos da revolução franceza.

N'este tempo elle era parochio n'uma igreja da diocese de Saint-Malo; mas, sendo suspeito de ter relações com os chefes realistas da Bretanha, foi preso e esteve recluso bastantes annos. Em 1814, depois da restauração, creou em Paris um numeroso noviciado da Companhia, sendo elle o seu superior. Foi este o nucleo da Ordem, que desde então começou a existir de facto na França. Mais tarde, como é sabido, Luiz XVIII readmittiu os jesuitas no seu reino.

Entretanto o P. Cloriviere organisava a oração e o estudo entre os seus associados. Foi elle o inspirador de todas as boas obras que n'aquella epocha se fizeram em sentido religioso. Com razão se póde chamar um apostolo.

Morreu este santo religioso a 9 de janeiro de 1820, deixando algumas obras sobre theologia mystica.

CCLXXI

P. Carlos Gloriot

Insigne missionario francez nos principios do seculo presente, o P. Carlos Gloriot distinguiu-se por sua vasta sciencia, imaginação viva e arrebatadora eloquencia. Em varias cidades da França, nos primeiros annos da restauração, foi ouvida com applauso e fructo a voz apostolica d'este jesuita. Nasceu em Pontarlier, no anno de 1768, e concluiu os seus estudos theologicos no seminario de Besançon.

No tempo da maior perseguição da revolução franceza este jesuita retirou-se a Friburgo, e sendo ordenado de presbytero, dedicou-se á prégacao do Evangelho. Em seguida entrou na Congregação do Sagrado Coração de Jesus, que assim se chamou a Companhia n'aquella epocha antes do seu restabelecimento por Pio VII.

Por 1800 o P. Carlos Gloriot regressou á França, onde exerceu o seu ministerio com o maior zelo, já como educador da mocidade, já como orador

sagrado em Paris, em Lyon e Grenoble.

Em 1815 foi nomeado director do grande seminario de Soissons, cargo que occupou por pouco tempo; pois que o seu desejo era, como sempre foi, consagrar-se inteiramente á grande obra das missões.

Trabalhou incessantemente n'esta obra emquanto as forças lh'o permittiram. Mas, emfim, enfraquecido pela idade e molestias, foi residir na casa do noviciado em Avinhão, onde falleceu piamente a 18 de fevereiro de 1844.

O jesuita Gloriot escreveu varias obras religiosas que mostram as suas virtudes e talentos. A sua maior obra, que immortalisou o seu nome, foi a prégacao do Evangelho na França, nos tempos criticos da revolução.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECCÃO CRITICA

A's portas do céu

(V. SERRANO)

A meu padrinho Antonio da C. Matheus

EANÇADA de pedir, a pequena mendiga parou em frente de uma porta, detraz da qual se ouviam os echos alegres de varios instrumentos, cujas notas animavam sem duvida alguma importante festa.

Attrahida pelas doces harmonias, ou impellida talvez pelo frio d'aquella noite de inverno, foi-se chegando ao marco de pedra; depois, já livre das rajadas do vento que varriam o solo, sentiu-se algum tanto alliviada da sua fadiga e acabou após um instante de duvida por sentar-se.

Aconchegava-se ao muro como se quizesse fundir-se com a mole protectora d'aquella edificio, cujo calor interno julgava sentir. Os echos da musica povoavam brandamente o seu espirito arrastando-o a regiões desconhecidas, onde, mais feliz do que nas que em sua triste vida habitava, chegou a esquecer-se da realidade.

Julgou estar ante as portas do céu. Firmando-se nas pontas dos seus pés nús, levantou a aldraba, enjo golpe cechoou por largo tempo n'aquellas paredes de crystaes. Abriu-se a larga porta, e appareceu a ella um anjo formosissimo, vestindo uma tunica luminosa, o qual com severa mas dulcissima voz, perguntou á pequena o que queria.

—Quero, respondeu, entrar no céu.

O anjo olhou-a attentamente, e apondo-lhe os pobrissimos vestidos que a cobriam, disse com tristeza:—Não vens com trajes propriados para entrar n'esta mansão magnifica e sumptuosa. Para isso necessitas uma veste pura e immaculada. Quando a adquirires, terei summo gosto em franquearte a entrada.

E fechando a porta, deixou fóra a infeliz que rompeu em amargo pranto.

Então chegou-se a ella um ancião cheio de magestade que, acariciando-a bondosamente, lhe disse:

—Não te affijas; julgas impossivel adquirir o vestido branco que necessitas para penetrares nas mansões celestias, mas eu, que sou o protector das creanças infelizes, abandonadas e pobres, te proporcionarei um com o qual transporás sem difficuldade alguma esses felizes humbraes, detraz dos quaes não existe a fome e a tristeza. Veste...

E levantando o manto escuro que o envolvia, tirou um candidissimo vestido que collocou sobre o debil corpo da pequenita, a qual sentiu ao seu contacto uma extrema sensação de descanso e bem-estar.

Na madrugada seguinte os primeiros que, deixando a festa que os havia entretido toda a noite, sahiram da casa a cuja porta se havia encostado a pobre mendiga, encontraram no humbral um corpo infantil e feminino coberto de neve que n'aquella noite tinha cahido abundantemente.

Trataram de reanimar os enfraquecidos membros da desgraçada creança, porém foi esteril o seu proposito; estava morta!...

A pequena mendiga com a sua branca vestimenta havia atravessado as portas do céu.

J. P. MENEIRO.

A campanha contra a descrença religiosa

COMO soldado do exercito de Christo, ainda que o mais obscuro e humilde de todos elles, vimos a campo defender a crença religiosa, como o sentimento o mais natural e essencial do coração humano; sentimento que mais se vai expandido á proporção que a razão se vai esclarecendo e alargando o seu dominio no vasto campo das sciencias experimentaes. Por sem duvida, a Astronomia é, entre todas as provincias do saber humano, a que mais largos horizontes apresenta á especulação do

espirito humano: pois é ali mesmo que nós encontramos, desde a mais remota antiguidade, os laços mais estreitos que a ligam á Religião, tendo sido considerada em todos os tempos como a sciencia religiosa por excellencia.

Assim o laço que une a religião e a sciencia astronomica, é uma consequencia legitima da propria natureza humana, e das ideias necessarias que fazem, como parte, da sua existencia.

Não é mui difficil explicar este facto.

Quando o individuo chega ao uso da razão, e tem conhecimento do que se passa dentro de si, reconhece que possui um certo numero d'ideias que são communs a todos os homens, que nenhum poderia deixar de ter: ideias que nascem naturalmente e necessariamente para todos, pelo unico facto da sua existencia, qualquer que seja o meio em que elles vivam. São estas as ideias de tempo, de causa, d'espaço, etc., que por isso mesmo se chamam ideias necessarias e os principios elementares que nascem das suas relações é que se chamam axiomas. A ideia de causa representa aqui o papel principal. Quando a criancinha principia a balbuciar as primeiras palavras, pergunta por cada coisa, não se ella tem uma causa, mas o que é esta coisa? Quem fez tal coisa? diz ella; como diz egualmente: por que se faz isto? A causa não é posta em duvida, o que ella quer unicamente é conhecê-la: está isto no seu instincto. Mais a criança adianta em idade, mais ella profunda esta ideia, a qual cada vez se torna mais clara e evidente ao seu espirito; e quando chega á idade de raciocinar, se a sua razão se acha no seu estado normal, livre de quaesquer preoccupações de seita, que a tenha estragado, venham dizer-lhe que um facto qualquer não tem causa, e verá se ella o acredita; sim, aquillo de que se persuade é que estão mandando com ella, e, se porventura se chegasse a convencer de que lhe diziam aquillo a sério, sentir-se-ia revoltada pela impudencia com que a queriam enganar, e humilhada com o pouco caso que se fazia da sua razão, e do desprezo que pareciam votar-lhe; se sentiria de tal sorte revoltada que não responderia, o quando a obrigassem a fazê-lo, se contentaria em appellar para o genero humano, sem entrar em particularidades. Esta ideia de causa é inseparavel da propria essencia do homem: é ella natural a todos, ella nasce naturalmente em todas as intelligencias pelo simples facto da sua existencia.

Esta ideia de causa tem egualmente um caracter essencial, que serve para a distinguir.

Natural e instinctivamente o espirito humano faz da causa uma ideia analogica e proporcional á do effeito que a revela,

experimentando por esta causa sentimentos diversos, segundo os effeitos que lhe attribue.

Um grande poder, mas cego, pôde inspirar surpresa, espanto, terror, porém não desperta nem admiração nem amor.

Um poder ingente onde se observa ordem e intelligencia impõe admiração. Um grande poder onde se distingue e observe o sinete da intelligencia, da sabedoria e da bondade, impõe, ao mesmo tempo, a admiração, a veneração e amor. Assim, um effeito que dá a conhecer, ao mesmo tempo, o poder, a intelligencia, a sabedoria e a bondade, faz nascer a ideia d'uma causa, ao mesmo tempo poderosa, intelligente, sabia e boa; e inspira por este motivo, um sentimento de respeito, veneração e amor. O procedimento de todos os homens e em todos os tempos prova este juizo a todos os instantes, quando não sejam sollicitados por paixões reversas. Além d'isso, cada homem tem em si mesmo meios de reconhecer esta verdade; basta interrogar-se, entrar em si mesmo para se convencer que é esta a lei da sua alma, lei que pôde violar nos seus actos, mas que nem por isso deixa d'ali existir. A prova d'esta verdade encontra-se mesmo na linguagem habitual de todos os homens. Em outro artigo veremos como isto se passa.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAIA.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre nullidade d'um matrimonio

EM 1872, e em Napoles, Luiz, parochiano de Santa Maria Apparecida, amava muito a joven Luiza, da parochia de Santo Thomaz, e tinham combinado matrimonio. Para o acto civil tinha elle, porém, o impellimento de pertencer á armada como fogueiro, pelo que resolveram celebrar o matrimonio canonico. Para que com os proclamas se não descobrisse o facto, e livrar-se assim da pena que prescreve a ordenança, fingiram o seu domicilio na freguezia de Santa Maria dos Anjos, em casa de certo Salvador Marco, mui conhecido do parochio, como adstripto ao serviço da igreja.

Ante o dito parochio celebraram os esponsaes em 29 de junho de 1872. Feitas as admoestações, a curia de Napoles expediu o decreto facultando a celebração do matrimonio deante de quatro testemunhas. Depois procederam á vida commum sem o acto matrimonial.

Tres dias depois de consummado o delicto, o contrahente teve que ausentar-se. Antes de fazê-lo, compadecido da triste sorte da mulher, encarregou sua mãe que commissionasse um joven para que contrahisse matrimonio com Luiza em nome d'elle. Assim se fez. Houve mais: o joven Nicolau designado pela mãe de Luiza, em vez d'apresentar-se como mandatario, fingiu-se mandante, e, accedendo Luiza, contrahiu matrimonio deante do parochio de Santa Maria dos Anjos e das testemunhas que ignoravam a fraude.

Passado um anno depois da celebração do matrimonio, Luiz foi uma vez a Napoles, indo a casa de sua mãe, onde vivia tambem Luiza. Passado um anno, abandonou-a para não tornar mais a vê-la. Por fim, desejando celebrar outro matrimonio, apresentou-se em 18 de setembro de 1880 á curia de Napoles expondo que Luiza, desde que principiou o matrimonio, não fez caso algum de seu marido, entregando-se por completo aos vicios; pelo que não era possivel reconhecer validade aquelle, supplicando porisso que se declarasse a nullidade.

A curia de Napoles formou o conveniente expediente, cujo resultado foi a sentença ditada em 25 d'abril de 1881, segundo a qual o matrimonio celebrado por Luiz e Luiza em 21 de junho de 1872 perante o parochio não proprio, foi nullo pelo impedimento dirimente de clandestinidade e por falta de consentimento.

Interposta appellação pelo defensor dos matrimonios, ventilon-se a causa economicamente deante da Sag. Cong. do Conc. por notoria pobreza das duas partes, e, tendo-se ouvido os ditamens d'um theologo, d'um canonista e do defensor dos matrimonios, propoz-se a questão nos seguintes termos:

Se a sentença do tribunal metropolitano de Napoles declaratoria da nullidade do matrimonio se deve confirmar ou revogar *in casu*.

A Sag. Cong. dignou-se responder em 14 de junho de 1884: *Afirmativamente á primeira parte e negativamente á segunda.*

DEDUÇÕES

1.^a Chama-se propriamente matrimonio clandestino o que se contrae sem a presença do parochio ou d'outro sacerdote, sem licença sua ou do Ordinario, ou sem testemunhas.

2.^a E' parochio proprio para a presença valida o que tem jurisdicção ordinaria nos contrahentes, em virtude de domicilio ou de quasi-domicilio.

3.^a Afim d'adquirir domicilio legal, requer-se a habitação com o proposito de permanecer n'ella d'um modo estabelecido; para o quasi-domicilio requer-se a

habitação por um mez pelo menos no logar da celebração do matrimonio; assim o conhecem os visinhos d'aquelle logar.

4.^a Obra invalidamente todo aquelle que, deixando o seu domicilio sem animo de o abandonar, se transfere a outra freguezia sómente com o intento de contrahir n'ella matrimonio.

5.^a No caso actual provou-se sufficientemente com muitas testemunhas a nullidade do matrimonio por motivo de clandestinidade, visto que faltava parochio proprio.

6.^a Póde celebrar-se matrimonio com valor de contracto e de sacramento mediante procurador, comtanto que este, além de outros requisitos, exhiba o poder ao parochio e ás testemunhas, empregando palavras segundo as quaes contrae, não por si mesmo, mas em nome d'outro, dizendo *verbi gracia*: *Recebo-te em nome de F.*

7.^a Ainda quando no caso actual não podesse duvidar-se da regularidade e certeza do poder, enganado o parochio pelo que fez de contrahente, ficava illudida a prescripção Tridentina, não podendo o parochio dar testemunho do consentimento.

SECÇÃO LITTERARIA

GUILHERMINA

Sem sombras de Messalina,
Surrindo sempre adoravel...
Ella terra Guilhermina,
Sempre grata e sempre amavel.

Seus lindos olhos fulgiado,
Dão mais luz ao firmamento,
E sua bocca surrindo,
Mais sentir ao sentimento.....

Eu não sei que graça tem
O seu todo poquentiao;
Porque ao contemplal-o bem
Surrir-me um anjo divino!

Mas sendo tão pequenina
Já põe os pontos nos i l;
Já sabe entrar em doctrina,
Já pensa bem o que diz.....

E sabe que existe um Deus,
O Deus criador do mundo;
E cumpre os preceitos seus
Com um respeito profundo!

Honra á sua professora
Que, além do mais que lhe ensina,
Lhe aponta a cruz redemptora,
A Mãe da sancta doctrina!...

Salvé pois, linda criança,
Que aos teus dez annos de idade
Já és toda fé e esperança,
Deus, mundo, affecto e verdade!

ALVES D'ALMEIDA.

EPIGRAMMA

(HISTORICO)

Um pobre mudo aleijado
Pedia a certo avarento,
Para seu parco sustento,
De pão um negro boccado.

Mostrava-lho que não tinha
Membros são nem solta lingua,
Que por sua extrema mingua
Esmola pedir lhe vinha.

Mas a fona companudo,
Fingindo não perceber...
Porque um Não ia perder,
Abro a bocca, e faz de mudo.

ALVES D'ALMEIDA.

NO DESERTO

Graça que quer cazar cedo,
Surrir... sem deixar por dodo.

Homem de olhar vacillante
Não é franco, nom constante.

A ingrata, ou o ingrato,
Na serpa tom n'o retrato.

Quem não quer provar, não cheira,
Diz a minha cozinheira.

Mulher gorda, farta coma,
Ao mais solto... prende e doma.

O devasso não consulta
A dôr do rir que sepulta.

Bocca grande, mas bemfeita,
Torna a graça mais perfeita.

Mais vale a odcação
Do que a boa dotação.

Enganar uma donzella
Não é qualquer bagatella.

No beijo de teus amores
Imita o das castas flores.

Rapariga desbocçada
Só a devassos agrada.

A festa mais concorrida
E' sempre a mais prohibida.

Depois dos carinhos de Eros
Não faltam... daros Anteros.

Surrir franco e sem malicia,
Só o expando a paucicia.

A folôr mais melindrosa
E' o «lyrio côr de rosa.»

Não jures machinalmente,
Que «quem mais jura mais mente.»

Se não queres infamar-te
Põe n'a má lingua de parte.

Moça franca e verdadeira
Nunca falta quem n'a queira.

A' porta do casto amor
Avulta a mais grata flôr.

Para o sujo sybarita
Não ha feia, nom bonita.

Quem não respeita a seus paes,
Não respeita a ninguem mais.

Donzella muito fingida
Nunca foi... bom succedida.

Na terra só Tallião
Pune o crimo som paixão.

O escripto infamante o sujo
Do auctor... mostra o sabujo.

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Tentação de Jesus no deserto

(Vid pag. 257)

A NOSSA gravura representa a tentação de Jesus no deserto, pelo demonio.

E' do abbade Drionx que vamos transcrever esta descripção, como é do mesmo auctor, com poucas excepções, que nos temos aproveitado para a descripção das gravuras que representam factos e figuras do Velho e do Novo Testamento.

Jesus tinha então trinta annos. () Espirito Santo de que estava animado o levou a afastar-se para o Jordão e a retirar-se para o deserto, onde devia ser tentado pelo demonio. Lá passou quarenta dias e quarenta noites entre feras sem tomar alimento algum.

Depois de assim ter jejuado, teve fome. O tentador approximou-se d'elle e lhe disse: «Se és o filho de Deus, dize a essas pedras que se convertam em pão.» Jesus respondeu-lhe: «Está escripto que o homem não vive do pão, mas de toda a palavra que sae da bocca de Deus.»

Então o demonio transportou-o a Jerusalem, á cidade santa, e o collocou sobre o terrazo do templo e lhe disse: «Se és filho de Deus precipita-te d'aqui abaixo, não correrás risco; pois está escripto que o Senhor deu ordem aos anjos que te guardassem, e te amparassem nas suas mãos, para que não tropeçasses por acaso n'alguma pedra.» Jesus replicou: «Tambem está escripto: «Não tentarás o Senhor teu Deus.»

Finalmente o demonio conduziu-o á montanha muito alta e de lá lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua gloria: «Eu te darei, lhe disse elle, todo

este poderio com todo o seu esplendor, porque tudo me pertence e dou-o a quem eu quero. Só te peço que te ajoelhes e me adores.»

Então Jesus lhe disse: «Retira-te, Satanaz, pois está escripto: Adorarás o Senhor teu Deus e só a elle servirás.»

Tendo o demonio procurado atacar assim o filho de Deus pelo lado da sensualidade, da presumpção e do orgulho, e tendo sido mal succedido nas tres tentações, acabou esta provação. Afastou-se d'elle por algum tempo, e no mesmo instante vieram os anjos para servirem o Senhor.

Christo tinha querido ser assim tentado para nos ensinar a combater as tentações, ás quaes estamos expostos. Cada um dos assaltos que lhe dá o tentador tem por fim revelar-nos o remedio que devemos oppôr ás tres grandes concupiscencias que nos tyrannizam.

À sensualidade oppõe esta bella phrase: «O homem não vive só do pão,» para nos ensinar que acima da vida dos sentidos ha para nós uma vida mais elevada, que é a vida da razão e da intelligencia. Aquelle que se compraz nos gozos sensuaes desce abaixo de si mesmo e degrada-se, ao passo que aquelle que comprehende a verdade que é o alimento da alma e a procura, encontra prazeres que o honram e ennobrecem.

A presumpção oppõe est'outras palavras: «Não tentarás o Senhor teu Deus,» para nos fazer comprehender que nunca devemos emprehender cousas superiores ás nossas forças. O sabio limita sempre as suas tentativas aos seus recursos; não procura penetrar o que está acima da sua intelligencia, e não se mette em emprezas arriscadas sob pretexto de que Deus o auxiliará e fará um milagre para elle obter bom resultado.

À ambição oppõe o texto da lei: «Adorarás o Senhor teu Deus e só a elle servirás;» porque o ambicioso considera o termo de todos os seus esforços. Elle se julga digno de occupar os cargos mais elevados, deleita-se nos seus pensamentos e nos seus planos, colloca-se acima dos outros homens, adora-se a si mesmo e quer que os outros o adorem. «Quem é superior a mim? lhe faz dizer o Psalmista. Não creei eu a mim mesmo?»

* * *

S. Francisco Xavier, apostolo das Indias

(Vid. pag. 263)

S. Francisco Xavier, uma das mais lindas glorias da benemerita Compa-

nhia de Jesus, o apostolo das Indias e do Japão, era natural da Navarra.

Custou bastante a Santo Ignacio de Loyola convertel-o; mas logo que o conseguuiu, teve n'elle um cooperador valiosissimo.

Tendo feito os votos em Montmartre, no dia da Assumpção de Nossa Senhora, no anno de 1534, partiu, com os seus oito companheiros, para a Italia.

Não o seguiremos na sua viagem, durante a qual mostrou de que grau era a sua santidade.

O Soberano Pontifice ordenou a Santo Ignacio que mandasse a D. João III, rei de Portugal, dois membros da Companhia para serem enviados ás Indias. Santo Ignacio nomeou Simão Rodrigues e Bobadilla; mas, tendo adoecido Bobadilla, Ignacio, por indicação divina, escolheu para o substituir Francisco Xavier. O nosso santo accitou com alegria.

Quando chegou a Lisboa, começou logo a mostrar quanto valia: a sua estada na nossa capital foi uma especie d'ensaio da sua missão. Com as suas pregações, Lisboa mudou completamente de vida e de costumes. Queriam que o nosso santo ficasse em Portugal; mas Deus tinha resolvido o contrario. Quando desembarcou, El-Rei enviou-lhe quatro Breves do Papa: em dois nomeava-o o Soberano Pontifice Nuncio apostolico e dava-lhe amplissimos poderes para dilatar e conservar a fé em todo o Oriente; nos outros recommendava-o o Papa aos governadores. No dia 7 d'abril partiu do Tejo com o Padre Paulo Camerin, italiano, e com o Padre Marsilla, portuguez.

Durante a viagem o zelo do santo manifestou-se: entre passageiros e tripulação, iam mais de novecentos homens, e pôde affirmar-se que S. Francisco Xavier conquistou toda essa gente para Nosso Senhor Jesus Christo.

E' impossivel descrever, no pouco espaço de que dispomos para esta biographia, o que o santo fez na sua missão apostolica das Indias. Os seus milagres eram, pôde dizer-se, quasi diarios. As conversões operavam-se aos milhares.

Quando se dispunha a entrar na China, Deus deu-lhe a conhecer que estava satisfeito com os seus trabalhos apostolicos. Chamou-o, pois, para o céo, para lhe recompensar tantos suores.

A febre colheu-o em Sanchão, a 20 de novembro; desde o principio teve perfeito conhecimento do dia e da hora da sua morte, como ingenuamente confessou ao piloto do navio. O mal consistia em uma dôr de costas agudissima, e com oppressão de peito; prostrou-o logo sem recursos, e por todo o allivio apenas tinha alguns fructos que lhe deu o commandante. Todo o tempo

de sua enfermidade foi uma continua conversação com Deus; ouviam-se-lhe repetir sem cessar estas palavras: *Jesu, fili David, miserere mei*: Jesus, filho de David, compadecei-vos de mim! e est'outras: *Oh! Santissima Trinitas!* e voltando o rosto para uma imagem da Santissima Virgem, dizia-lhe continuamente: «Mãe minha, muito amada, mostra te esse matrem, mostrai que sois mãe.» Finalmente a 2 de dezembro, que era uma sexta feira, com os olhos banhados em lagrimas e pregados em um crucifixo, pronunciou com a maior ternura estas palavras: *In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum*: Senhor, eu esperei toda a minha vida em vós; não permittaes que padeça confusão de haver esperado em vão. E transportado ao mesmo tempo de um gozo celestial, entregou tranquillamente seu espirito, ahi por duas horas da tarde, do anno de 1552, aos quarenta e seis de sua idade, dos quaes consumira dez e meio nas Indias.

A noticia de sua morte causou em todos os espiritos e corações aquella impressão que produz a morte dos santos. Correu a multidão á porta da sua choupana para lhe beijar os pés, e encontraram-no com o rosto tão rosado e bello, como se estivera vivo.

Assim terminou sua gloriosa carreira o santo apostolo das Indias e do Japão, depois de haver dilatado a fé por uma extensão de seis mil leguas: depois de haver pregado o Evangelho a cem ilhas ou reinos differentes, e convertido a Jesus Christo mais de cem mil almas.

Seus trabalhos foram immensos, seus milagres sem conta.

Sabe-se de oito mortos resuscitados; mas pode affirmar-se que todos os prodigios dos santos que o precederam não egualam o numero dos que fez este santo apostolo.

Não deram á terra o cadaver senão no domingo seguinte: o enterramento correu destituido de ceremonias; tiraram-lhe a sotaina, que os officiaes dividiram entre si. O commandante mandou cobrir o corpo de cal viva, para que, consumidas depressa as carnes, pudessem transportar os ossos na embarcação, que devia regressar á India dentro de poucos mezes. No ultimo anno da vida do santo viram suar sangue com abundancia todas as sextas-feiras a um crucifixo que estava na capella do castello de Xavier; e o mesmo foi morrer o santo, que cessar o sangue de correr.

Dois mezes e meio depois da morte do santo apostolo, desenterraram o corpo, e acharam-no tão inteiro, fresco e rosado, tão flexivel como se estivesse vivo. As vestes sacerdotaes que lhe haviam revestido, tambem não tinham recebido a menor lesão da cal;



S. FRANCISCO XAVIER, APOSTOLO DAS INDIAS

além d'isso o santo corpo exhalava um odor tão suave e agradável, que excedia ao dos mais exquisitos perfumes. Logo que aportou a Malaca, cessou a peste que andava fazendo grandes estragos pela cidade; foi recebido triumphalmente pela nobreza, clero e povo. Passados mezes, foi outra vez desenterrado; encontraram-no tão inteiro e fresco, como da primeira vez. Mandaram-lhe fazer uma caixa de madeira exquisita, guarneceram-a de rico damasco da China; em seguida metteram dentro o santo corpo, envolvido em um panno de tella d'ouro com almofada de brocado debaixo da cabeça.

Este precioso deposito foi recebido em Goa com a pompa da veneração devida: o vice-rei com a sua côrte, a nobreza e os magistrados acompanhavam a clerezia. Este precioso thesouro foi depositado na igreja de S. Paulo do collegio da Companhia ao som festivo dos sinos e ao estrondear da ar-

tilheria, onde ainda hoje as conserva com grande cuidado.

Obrou muitos milagres em todas as paragens por onde passou o santo corpo; e Deus continua hoje a fazer outros muitos por intercessão d'este grande santo, não só em Goa, mas em todo o mundo. Feito o exame juridico das virtudes e milagres innumeraveis d'este grande servo de Deus, o Papa Paulo v declarou beato a Francisco Xavier, presbytero da Companhia de Jesus no dia 25 d'outubro de 1619; e o Papa Gregorio xv, successor de Paulo v, canonizou-o solemnemente, a 12 de março de 1622. O Papa na bulla de canonisação denomina-o Apostolo das Indias, e diz que seu apostolado teve todos os caracteres da vocação divina, taes como o dom dos milagres, o das prophcias, e o das linguas com as mais perfeitas virtudes evangelicas. Pode dizer-se com verdade que jámais foi visto um conjuncto assim de virtudes, todas eminentes: seu

amor de Deus, terno, ardente e generoso, era sem limites; seu zelo pela salvação das almas extensissimo; sua pobreza e mortificação excessivas; sua humildade tão profunda, que sempre que escrevia a Santo Ignacio, seu geral, fuzia-o de joelhos; e em uma carta assigna-se d'este modo: o menor de vossos filhos e o mais afastado de vós —Francisco Xavier.

Sua devoção á Santissima Virgem foi tão terna, tão perfeita e cheia de confiança, que nunca pedia cousa alguma a Nosso Senhor senão por intermedio de sua Mãe. Acabava todas as suas instrucções com a *Salve Regina*. Quando passava as noites em oração na igreja, quasi sempre era deante de alguma imagem da Mãe de Deus. Tomei a Rainha dos céos por minha padroeira, dizia elle, em uma de suas cartas, para alcançar o perdão de meus innumeraveis peccados. Por isso é que tinha feito voto de a defender toda a sua vida.

O corpo do santo subsiste em Goa; só um braço inteiro foi levado a Roma, e se conserva com muita veneração na casa professa dos jesuitas chamada de Jesus.

A quem queira ler a vida d'este grande santo, recommendamos o livro — *Vie de Saint François de Xavier*, por J. M. S. Daurignac. Sabemos que um benemerito membro da Companhia de Jesus, actualmente em Londres, a está traduzindo, e que, dentro d'alguns mezes, será publicada em portuguez, com notas muito elucidativas.

RETROSPECTO

Associação da Mocidade Catholica do Porto

Do jornal a *Palavra*, de 17 de novembro, transcrevemos o seguinte:

Realisou-se ante-hontem n'esta florescente associação a inauguração das conferencias scientifico-religiosas do presente inverno. Presidiu á sessão o snr. Manuel Fructuoso da Fonseca, tendo a seu lado rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya e o ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena.

Aberta a sessão, o snr. Manuel Fructuoso da Fonseca disse que as conferencias, tão auspiciosamente iniciadas pelo rev.^{mo} assistente ecclesiastico, tinham sido interrompidas durante a estação calmosa pela ausencia das principaes familias para as praias e para os campos.

Continuando, disse que, nos tempos que vão correndo, tempos de lucta, era de necessidade que os catholicos se resolvessem a vir á arena, a disputar palmo a palmo o terreno que os inimigos de Deus vão conquistando dia a dia.

A onda revolucionaria, continuou, avança prodigiosamente. A actividade dos revolucionarios exerce-se de mil modos, e nós, os catholicos, cruzamos os braços ante esse alastramento do mal, berramos, quando berramos, contra os ataques furibundos que os nossos inimigos dirigem ás nossas crenças, mas ficamos-nos em casa, sem contrapor propaganda á propaganda, lucta á lucta. Era pois tempo de começar a dar signaes de vida.

Em seguida disse que os catholicos não podem, porque lh'o vedam os seus principios, acompanhar os seus adversarios em todos os processos de lucta que seguem para conseguir os seus fins; mas que, collocados no terreno da legalidade e da verdade, podiam e deviam trabalhar para contraminar a propaganda nociva dos maus e para fazer com que Christo viva e reine no nosso meio social.

Alludiu á actividade que os nossos inimigos desenvolvem para deschristianisar a sociedade portugueza, para dominarem e para insuflarem no espirito publico, pouco a pouco, as suas deleterias doutrinas, os seus revolucionarios principios:—conferencias publicas por toda a parte, propaganda nas officinas por meio dos seus agentes, propaganda nos jornaes baratos, etc. E, ao passo que elles assim trabalham, nós assistimos a este constante labutar na causa do mal de braços cruzados, indifferentes ao derruir das nossas mais queridas esperanças, despreocupados do dia d'amanhã, esperando que, se um grande cataclismo nos ameaçar, a divina Providencia, por meios sobrenaturaes, nos livrará d'elle e esmagará os nossos adversarios. Isto, porém, não é prudente nem sensato, porque, se é incontestavel que Deus faz milagres, e este seculo, que se jacta do seculo das luzes, tem sido fertil d'esses mimos da divina Providencia, a experiencia nos ensinava que Deus só os costuma fazer quando as forças humanas são impotentes para realizar o que se deseja. E ainda não está averiguado que os catholicos sejam impotentes para vencer os seus inimigos. Trabalhem, que a victoria não deixará de coroar os seus esforços. Demais, esperar obter por milagre o que se póde alcançar pelas forças proprias, é tentar a Deus.

Em seguida referiu-se ao que era e queria a Associação da Mocidade Catholica, tal como está implantada no Porto. É uma associação de passatempos licitos e inoffensivos; mas, primeiro que tudo, é uma associação de catholicos, é uma associação de combate, é uma corporação de rapazes de boa vontade que trabalham para que Jesus reine no coração de todos e que estão dispostos a sacrificar tudo para a realisação do seu santo ideal.

Elle pediu que não estranhassem que elle dissesse aquillo com toda a franqueza e desassombro, porque gosta das situações bem definidas e dos campos extremados.

Dizendo depois que era para accentuar bem o conjuncto de doutrinas, que aquella associação defende, que se inauguravam as conferencias scientifico-religiosas n'aquella associação, e fazendo referencia aos dois distinctos oradores que estavam inscriptos para orar n'aquella noite, deu a palavra ao rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya.

Durante tres quartos d'hora fallou o distincto e illustrado sacerdote. Não o podemos acompanhar no seu discurso porque não dispomos de espaço para isso. Quem conhece o illustrado

orador, e o tem ouvido, sabe que elle é um conferente que impolga o auditorio ás primeiras palavras. O seu discurso foi todo repassado d'uma tal *verve*, que o auditorio se conservou em quasi constante hilaridade.

S. rev.^{ma} torna amenos os assumptos mais aridos.

Disse o que era a Associação da Mocidade Catholica. Era uma casa onde os jovens vinham buscar calor ao coração. Os jovens reuniam-se alli todas as noites, em santa convivencia, trocando ideias e retemperando-se para a lucta. Alli, uns com os outros, perdiam os respeitos humanos, se alguns tinham ao entrar para a Associação. Alli joga-se todas as noites o voltarete, o solo, a sueca, as damas e o dominó, canta-se e toca-se, mas tudo sem despertar as paixões, como bons amigos. Em vez de irem respirar a atmospheria viciada dos botequins, os jovens veem para a casa da Associação passar algumas horas com gente escolhida. Em vez de gastarem as suas economias mal, e d'arruinarem a saude, viviam alli n'uma atmospheria pura e não gastavam o seu dinheiro, porque na Associação não se joga a dinheiro.

A mocidade catholica tem tambem um theatro. N'aquelle palco representam e n'aquelle passatempo gastam alguns uma ou duas horas por noite. Divertem-se e instruem-se. É bom que haja theatro, theatro catholico, onde se não ouçam obscenidades nem palavras de duplo sentido.

O theatro serve não só para recreio aos jovens, mas para suas familias. É conveniente dar a saborear o theatro inoffensivo, para tornar aborrecido o theatro pornographico.

Depois occupou-se da educação da mocidade d'ambos os sexos. Teve phrases cheias de *verve* e de verdade quando se referiu á educação moderna, que se dá ás senhoras. A proposito disse com muita graça que, se lhe fosse dado governar algum tempo, a primeira medida que havia de decretar era a roca obrigatoria para as senhoras, ao serão.

Ao terminar, o illustrado sacerdote recebeu uma salva de palmas.

Seguiu-se um hymno, cantado por alguns membros da Mocidade Catholica, musica do rev. Padre Joaquim Pereira da Rocha, sub-chante da Sé do Porto, e letra do presidente da Mocidade Catholica do Porto.

Em seguida foi dada a palavra ao ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida, que foi acolhido por uma estrondosa salva de palmas.

S. ex.^a começou por felicitar a Associação da Mocidade Catholica do Porto pelo notavel desenvolvimento que

tem tomado, n'um espaço de tempo relativamente breve. A associação conta um anno de existencia e n'um anno não se podia fazer mais.

A festa brilhante a que assistia, concorrida por muitas pessoas de illustração e de importancia, representa não só a vitalidade da associação, mas é prova da justa sympathia que ella inspira. Louva calorosamente o digno presidente da Mocidade Catholica do Porto, e os seus dignos collaboradores, e dá-lhes os parabens por verem coroados os seus trabalhos e acrisoladissima dedicação por um exito já notavel.

Disse que a acção catholica em Portugal é principalmente combatida por tres inimigos temiveis: a maçonaria, o socialismo revolucionario e o indifferentismo.

Pôz em relevo a hypocrisia da maçonaria, descreveu os seus principios perfidos de propaganda, assignalou os prejuizos não só da ordem religiosa, mas tambem social, que se derivam da sua acção. Urge combater essa nefasta instituição com vigor e tenacidade; é necessario desmascaral-a. Lembrou ao snr. presidente e á direcção da Mocidade Catholica do Porto a conveniencia de promoverem na sua séde conferencias n'esse sentido.

Fez a critica dos erros do socialismo revolucionario. Disse que o socialismo, que por ahi se apregoa, pouco se preocupa com o bem estar do operario, pouco tem conseguido em favor da sua situação, e diligencia, principalmente, destruir a sociedade actual e não sómente os erros, que são a resultante do olvido do ideal christão; mas, principalmente, esse ideal, o divino inspirador dos mais bellos e sublimados commettimentos da humanidade.

Disse que a propaganda revolucionaria, medrando pelo indifferentismo e pelo egoismo das classes dirigentes, avançou com uma rapidez extraordinaria. Lastimou tanto egoismo e tanta indiferença. Disse que as classes chamadas conservadoras não só não auxiliam a imprensa catholica, mas são as que dão maiores proventos e coragem á imprensa revolucionaria, que a troca de uma noticia banal que lhes satisfaz a curiosidade, ataca a consciencia nacional em tudo quanto ella mais préza e respoita. Acrescentou que não pode deixar de pasmar, como n'uma **camara, constituida, conforme se disse, pelas forças vivas da nação,** não houvesse um homem que perguntasse ao governo o que se faz nas chamadas associações de classe e outros gremios socialistas e revolucionarios, onde todos os dias se pre-conisam doutrinas não só attentatorias

contra a religião e as instituições politicas, mas tambem contra a familia christã, contra todos os ideaes grandes e generosos que toram sempre gloria da gente portugueza. Que é preciso reagir, energicamente, contra esse indifferentismo, e que essa nobre e salutar reacção compete principalmente á gente nova.

Trabalhe a Associação da Mocidade Catholica do Porto para restaurar no espirito de seus concidadãos a tradição portugueza de fé viva e patriotismo intemerato. Auxiliem-n'a todos n'essa bella e generosa empreza: o clero, as classes dirigentes; e lembrou ás senhoras, que o tem honrado com a sua attenção, que as antigas damas portuguezas armavam seus filhos cavalleiros para as pugnas contra os inimigos da patria; animou-as a que façam o mesmo: digam aos seus filhos, aos seus irmãos que é necessario combater contra os inimigos da religião, da patria e da sociedade.

Quando s. ex.^a terminou, uma estrondosa e prolongada salva de palmas mostrou ao erudito orador a satisfação com que a assembleia tinha escutado a sua palavra fluente.

Em seguida o snr. Manuel Fructuoso da Fonseca agradeceu ao ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida, em seu nome e no da Mocidade Catholica, a honra que s. ex.^a lhes fizera vindo abrilhantar com a sua palavra fluentissima e auctorizada aquella academia; e, alludindo ao pedido, que s. ex.^a lhe fizera durante o seu brilhante discurso, para que n'aquellas conferencias se tratasse de desmascarar a franc-maçonaria, a grande inimiga da Igreja e da sociedade, disse que elle e os seus collegas já tinham pensado n'isso e que os desejos de s. ex.^a seriam satisfeitos. Declinou encerrada a sessão e annunciou que se ia seguir um sarau dramatico-musical, em honra do ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida.

O sarau esteve magnifico, apesar de ter sido preparado com quatro dias d'antecedencia.

Representaram-se as comedias — *Dois sem calças* e *A ordem é resonar*, traduzidas do italiano pelo rev.^{mo} snr. dr. Antonio Joaquim Pereira, ensaiador e scenographo da Mocidade Catholica.

Durante-o decorrer do espectáculo, os espectadores riram á farta. O desempenho foi correcto, diremos mais, foi excellente. Não ha que especialisar ninguem: todos no seu genero se houveram de modo a contentar os mais exigentes.

O publico chamou nos fins dos actos os actores ao proscenio, applaudindo os com enthusiasmo. Foi tambem chamado e muito applaudido o rev.^{mo} snr. dr. Pereira.

O salão, que é bastante comprido e largo, estava repleto. As proprias coxias estavam tomadas, bem como as varandas e as escadas. Pouco antes da hora aprazada para a conferencia, o salão estava repleto. Calcula-se que estivessem no salão 500 pessoas, e que se retirassem, por não haver logar, 200 a 300.

E' impossivel citar os nomes das familias presentes. Lembra-nos, porém, ter visto lá o rev.^{mo} snr. conego Coelho da Silva, vigario geral da diocese; conego dr. Theotonio de Castro, vice-reitor do Seminario; Monsenhor Luiz Vianna, director espiritual dos dois seminarios do Porto; Padre Moreira Pinto, capellão de Sua Eminencia; Padre Julio Ferreira, escrivão da camara ecclesiastica; abbade João B. Montes, vigario da vara aposentado; Padre Moreira Maia, parcho de Cedofeita; abbade José Maria d'Almeida, Padres Humalaya, Dantas da Gama, Lourenço Serro, Araujo, Philippe d'Assumpção, dr. Pinto, dr. Carlos das Neves, general Sarmento, dr. Carvalho Lima, Duarte Huet, etc.

O Papa e Menelik

Damos em seguida a traducção das cartas trocadas entre o Santo Padre Leão XIII e o Negus, imperador da Ethiopia:

Carta do Papa ao Poderosissimo Menelik, Negus Negesti, Imperador da Ethiopia.

LEÃO XIII, PAPA

Poderosissimo Negus Negesti, saude e prosperidade.

Houvestes por bem, em tempos, saudar por um acto espontaneo o começo do Nosso Pontificado, e dez annos depois, por occasião do Nosso Jubileu sacerdotal, nos destes nova prova da vossa cortezia. Estas provas de benevolencia alegraram o Nosso coração, e honram o vosso. E ao vosso coração de Monarcha e do christão se dirige hoje a Nossa palavra, para vos mover a uma acção de soberana generosidade.

A victoria poz em vossas mãos numerosos prisioneiros. São moços vigorosos e dignos de respeito, que na flor da idade o na aurora das bellas esperanças foram arrancados a suas familias e á sua patria.

O seu captiveiro nem augmenta a medida do vosso poder, nem a extensão do vosso prestigio; mas, quanto mais se prolonga, mais viva é a dôr na alma de milhares de mães e d'esposas innocentes.

Pela Nossa parte, penetrado da santa missão que Nos confiou Nosso Senhor Jesus Christo, a qual se estende

a todas as nações christãs, amamol-os como filhos.

Acolhei, pois, o pedido que o coração d'um Pae vos faz, em nome da Trindade divina, em nome da Virgem bemdita, em nome de tudo o que vos é mais caro n'este mundo: dae-lhes quanto antes a liberdade.

Poderosissimo Negus Negesti, não deixeis de vos mostrar magnanimo aos olhos das nações. Introduzi esta pagina gloriosa nos annos do vosso reinado! Que são, afinal, os direitos severos da guerra ao lado dos direitos e deveres da fraternidade humana?

Deus vos concederá avultada recompensa, pois é Pae misericordioso! Mil vozes se levantarão em côro para vos bemdizer, e a Nossa será a primeira a fazer-se ouvir. Entretanto, imploramos do céu para a familia real todos os bens desejaveis.

Dada em Roma, junto de S. Pedro a 11 de maio do anno de 1896, decimo anno do Nosso Pontificado.

Leo P. P. XIII.

Carta de Menelik

Leão Vencedor da tribu de Judd, Menelik eleito do Senhor Rei dos Reis da Ethiopia

A Sua Santidade

LEÃO XIII, PAPA

Saude!

Recebi por Monsenhor Macario a paternal carta em que Vossa Santidade, depois de recordar graciosamente as Nossas relações anteriores, appellava para os Meus sentimentos de clemencia em favor dos prisioneiros italianos, que a vontade de Deus poz em Minhas mãos. Accrescento que Vossa Santidade não podia escolher para interpretar Seus sentimentos um Enviado mais eloquente e mais sympathico que Sua Ex.^a Monsenhor Cyrillo Macario.

Emocionou-me vivamente a leitura da admiravel carta do Pae commum dos christãos e a linguagem do seu illustre Enviado, e o primeiro movimento do meu coração fôra dar a Vossa Santidade a satisfação que me pedia tão nobremente, pois tambem Eu chorei sobre as numerosas e innocentes victimas d'esta guerra cruel, que tenho consciencia de não haver provocado.

Infelizmente, o Meu vivo desejo de realisar os votos de Vossa Santidade foi contrariado pela attitude imprevisita do Governo Italiano, que depois de me haver exprimido o desejo de fazer a paz e de restabelecer as boas relações entre nós, continua a obrar a Meu respeito como se estivessemos em estado de guerra.

O Meu dever de Rei e de Pae do

Meu povo impede-me, n'estas circumstancias, de sacrificar a unica garantia de paz, que nas minhas mãos existe, á satisfação de ser agradável a Vossa Santidade e a M.m mesmo.

E' com a mais profunda tristeza que, depois de tudo haver considerado em minha consciencia de Monarcha e de Christão, sou obrigado a aprazar para tempos melhores o testemunho d'affecto e de alta estima, que me seria agradável dar a Vossa Santidade.

E-pero que a grande voz de Vossa Santidade, que todos os christãos escutam com respeito, se erguerá em favor da justiça da minha causa, que é a da independencia do povo, cujo governo me confiou Deus, tornando assim muito proxima a realisação do Nosso commum desejo d'entregar a suas familias aquelles que d'ellas estão separados.

Posso, entretanto, tranquillizar Vossa Santidade quanto á sorte dos prisioneiros italianos, que não tenho cessado de proteger e de tratar segundo os deveres da caridade christã, e aos quaes, por attenção a Vossa Santidade, suavisarei ainda mais, se é possível, a sua situação.

Escripta na Nossa Cidade de Addis-Ababa, a 22 Mascaram, 1839 do anno da graça (1.º d'outubro de 1896.)

Maçonaria em Hespanha

Sagasta, o chefe do partido liberal, reconheceu a legalidade da maçonaria: em Hespanha, a maçonaria funciona legalmente, tem estatutos approvados, enfim, goza de todos os direitos d'entidade juridica.

Foi um erro, um gravissimo erro este, erro que a Hespanha agora conhece, por que lhe está soffrendo as consequências. Como se sabe, a franco-maçonaria foi quem promoveu as guerras de Cuba e das Filipinas, com que a Hespanha está a braços.

O seguinte documento, apprehendido pelas auctoridades das Filipinas, é mais uma prova da acção nefasta da maçonaria:

A Grande Regional Loja aos Veneraveis Mestres das outras.

«Veneraveis Mestres e queridos Irmãos.—Depois da nossa circular de 28 de maio ultimo, parecerá ocioso recordar agora o mais exacto cumprimento de tudo quanto foi approvado na grande Assembleia de 15 do mesmo mez; mas, não obstante, como ainda se não encontra assegurado o triumpho da nossa causa, e toda a previsão é pouca nos actuaes momentos, pareceu-nos opportuno fixar mais concretamente os pontos seguintes:

1.º Os Triangulos executarão strictamente todas e cada una das dispo-

sições dictadas pelos respectivos presidentes, não deixando d'observar a menor e mais insignificante que seja; pois, embora o não pareçam, todas são de grande transcendencia, e, deixando de se cumprir, podem prejudicar os nossos trabalhos, fructo de muitos annos de constancia, e esperanza de futuro triumpho.

2.º Dado o signal convencionado no dia 2 de setembro, cada Irmão cumprirá o dever que esta Grande Regional Loja lhe impoz, sem considerações de parentesco, amizade, gratidão, etc., etc.

3.º Os que, por fraqueza ou cobardia, não cumpram, já sabem o tremendo castigo em que incorrerão, pois a Grande Regional Loja será inexoravel.

4.º Dado o golpe contra o capitão general e demais auctoridades hespanholas, os leaes tomarão os conventos, degollarão seus infames habitantes, respeitando as riquezas allí existentes, das quaes tomará posse a commissão nomeada para esse fim, não sendo licito a nenhum de nossos Irmãos apossar-se do que justamente pertence ao thesouro da Grande Regional Loja.

5.º Os que infringirem o disposto no numero anterior, serão presos como malfeteiros e submettidos a exemplar castigo.

6.º No dia immediato dar-se-ha sepultura aos cadaveres dos odiosos oppressores no campo de Batimbunga, bem como aos de suas mulheres e filhos, onde será erigido um monumento commemorativo da nossa independencia.

7.º Os cadaveres dos frades não serão enterrados, mas queimados, em vingança das trações que em vida commetteram contra os nobres philippinos durante os tres seculos da sua nefanda dominação.

Em quanto não chegar o dia da nossa redempção, esta commissão executiva irá dando a pauta do que se terá de fazer, afim de que nenhum de nossos Irmãos possa allegar ignorancia.»

Este documento tem a data de Manila, a 12 de julho de 96, primeiro dia da tão desejada independencia das Filipinas.

E' assignado por: *Bolívar*, presidente; *Giordano Bruno*, grão-mestre e *Galileo*, grande-secretario.

A Hespanha sabe hoje, por experiencia propria, o que deve á maçonaria.

Infelizmente este e outros exemplos, de que a historia está cheia, não abrem os olhos aos ingenuos!

O patriotismo dos Frades

Os Frades não tem amor patrio!—grita todos os dias a republicanagem,

que só conhece esse amor da bocca para fóra.

Ora cá está um exemplo de que os Frades não tem amor patrio.

Sahiram d'Avila, com o fim de embarcarem para Cuba, nove Padres Carmelitas, que vão prestar valiosos serviços no campo de batalha, nos hospitais militares ou nos pontos da grande Antilha onde sejam reclamados.

Se a escassez de pessoal entre os Carmelitas o não impedisse, maior numero do que vão a Cuba iriam enviados pelos seus superiores.

Noticias d'estas publicam quasi diariamente os jornaes

Mas que importa á canalha os factos? O odio de seita tem mais força.

Carta do Em.^{mo} Cardeal Rampolla

O director e redactores do *Diario Catalan* dirigiram ao Santo Padre, por intermedio d'um Prelado hespanhol, um solemne protesto de fé catholica. N'elle declaravam que eram «unica e exclusivamente soldados de Christo e da sua Igreja, ás ordens do Papa e do episcopado», o que lhes valera n'estes ultimos dias «fêra perseguição e graves calumnias de certos jornaes.»

O Em.^{mo} secretario d'Estado de Leão XII! respondeu:

Sr. director do *Diario Catalan*: Meu senhor da minha distincta consideração.—Tendo-me apressado a apresentar a Sua Santidade a mensagem, que para este fim v. me enviou, por intermedio do Sr. Bispo de Barcelona, em seu nome e no dos redactores e proprietario do *Dario Catalan*, tenho a honra e a satisfação de notificar-lhe o agrado com que o Santo Padre se dignou acolher a sua reverente exposição, principalmente em vista dos propositos, que v. manifesta, de se conformar, fiel e pontualmente, nos seus trabalhos jornalisticos, com os ensinamentos e espirito da Santa Sé, desligando-se de qualquer compromisso politico. Esta é a senda pela qual devem caminhar todos os catholicos que se gloriam de adictos á Santa Sé; e Sua Santidade tem a esperança de que o *Diario Catalan*, perseverando n'aquelle caminho, possa prestar muitos e bons serviços á causa catholica, tanto mais que os seus novos proprietarios querem convertel-o em órgão da liga anti-maçonica.

Apoiando, pois, as opportunas resoluções que ora lhe foram submettidas, o nosso Santissimo Padre accedeu gostoso á petição de v. e dignou-se outorgar a benção apostolica que, na dita mensagem, se sollicitou para o director e redactores do *Diario Catalan*. E' me grato esperar que a benção do Vigario de Jesus Christo seja a agua fecundante do bom terreno em que v. se collocou. e

com esta esperança me confesso de v. affectuosissimo Capellão etc.

Roma, 2 de novembro de 1896.

M., Cardeal Rampolla.

Esta carta dá a norma de proceder aos jornalistas catholicos. O Papa quer que os escriptores catholicos se desliguem de compromissos politicos e se conformem fielmente com os ensinamentos e espirito da Santa Sé.

Graças a Deus, é este o terreno em que es á collocado O *Progresso Catholico*.

O Papa e a Franca

O sr. Bispo de Nevers, ao saudar o *prefeito* do departamento, sr. Gravier, disse-lhe que Leão XIII é o melhor amigo da Franca e que esta nada de melhor poderá fazer que seguir as suas instrucções.

O *prefeito* respondeu com evasivas, como quem se não quer comprometer.

E fez bem, porque o seu governo o deixaria ficar mal, se elle reconhecesse lealmente a verdade das palavras do seu Bispo.

Porque, se o Papa não perde ensejo de mostrar a sympathia pela Franca, a filha primogenita da Igreja, o governo francez tambem não perde occasião de mostrar a sua antipathia pelas coisas religiosas e pelo Papa.

Ou o governo não tivesse sido gerado nas entranhas da franc-maçoneria.

Os judeus perseguido um jornalista catholico

E perseguido-o porque?—perguntarão os leitores. Pelo jornalista ter dito que a raça israelita se distingue pelo nariz ponteagudo!

Mas o jornalista catholico, que era o sr. Parés, redactor de *La Croix des Pirennées Orientales*, foi absolvido.

Por pouco tomaram o freio nos dentes os snrs. judeus.

Que faria se o jornalista catholico dissesse que elles tinham... cauda, como affirmam muitos livros de idade media!

São altamente ridiculos, estes senhores judeus!

Uma conversão á hora da morte

Os socialistas francezes espumam de raiva, porque o seu correligionario Santannier se converteu á hora da morte, abjurando os seus erros. Rochefort, redactor do *Intransigeant*, zangadissimo com esta conversão, diz que os beatos e os santarrões são capazes de mover os cadaveres por meio de electricidade e pol-os em attitude d'uma pessoa que se está a confessar para dizerem que ganharam a batalha con-

tra os socialistas e livres pensadores.

A lagrima é livre, amigo Rochefort. Mas, por muitas que verta, não é capaz de destruir o facto, que o faz choramigar. Santannier, que era sua victima, morreu nos braços da sua Mãe a santa Igreja e reconciliado com Deus.

Sempre hypocritas!

O costume, que em Franca havia, de declarar nas listas do serviço militar a religião que professam os soldados, foi agora supprimido para que se não veja a desproporção em que ainda allí se encontram os protestantes, israelitas e livre-pensadores para com os que professam a religião catholica.

Isto serve apenas para occultar a verdade ao povo, mas não tira as crenças religiosas dos soldados. Estes continuam a ser catholicos na sua maioria, ainda que peza ao governo francez, manequim da franc-maçoneria.

Os Bispos da Hollanda e os jornalistas catholicos

Os Bispos hollandezes dirigiram uma carta collectiva aos directores e redactores dos jornaes catholicos do seu paiz, recomenando-lhes a mais intima união e pedindo-lhes que suffoquem todos os sentimentos mutuos e pessoas, que ás vezes se percebem em seus escriptos.

São dignos de todo o louvor os Bispos hollandezes pela sua attitude. Em verdade, se a paz não reina entre os jornalistas catholicos, como é que poderá haver unidade d'esforços para se combater o inimigo commum?

Além de que a hostildade entre jornalistas que tem as mesmas crenças, é um espectáculo desagradavel, e com o qual só lucram os adversarios.

Poder temporal do Papa

O sr. Bispo de Vich (Hespanha) acaba de publicar uma notavel e extensa pastoral sobre a soberania temporal do Pontifice romano.

Dando esta noticia o nosso prezado collega da *Ordem* commenta:

«E' para admirar não só a sciencia, mas tambem o desassombro e a coragem com que o apostolico Prelado fala. Cá, era caso para uma nota diplomatica, pelo menos.»

Não seria caso para nota diplomatica; mas o que com certeza seria era caso para os nossos estadistas ficarem atrapalhadissimos da sua vida e mandarem circulares surdas aos Prelados recommendando-lhes prudencia etc. e tal.

Foi o que se fez quando no Congresso Catholico Internacional de Lisboa um distincto sacerdote teve o arrojo

de soltar um viva ao Papa-Rei nas bochechas dos srs. Bispos presentes ao Congresso e do illustre ministro das obras publicas, que ficou vermelho como um tomate maduro.

O Consistorio

Começaram em Roma os preparativos para o proximo consistorio dos Cardeaes Jacobini, Ferrari e Cretoni, no qual serão tambem proclamados principes da Igreja tres Prelados italianos. A proclamação dos novos Cardeaes estrangeiros fica addiada para o Consistorio de janeiro, por não se ter chegado a um accordo definitivo entre a França e a Santa Sé com respeito á designação dos arcebispos de Lyon, Tours, Tolosa e outros.

N'este Consistorio S. Em.^a o Cardeal Jacobini, que foi Nuncio em Portugal, receberá o titulo diaconal de S. Pedro.

Italia e Abyssinia

Foi celebrada a paz entre estas duas potencias.

Eis as disposições do tratado de paz:
Art. I—Cessação do estado de guerra. Existirá entre os dois paizes uma amizade e uma paz perpetua.

Art. II—O tratado de Ucciali é abolido.

Art. III—A independencia absoluta da Ethiopia é reconhecida.

Art. IV—Não estando as partes contratantes de accordo acerca da delimitação das fronteiras e desejando não interromper por causa d'esta divergencia as negociações da paz, fica convencionado que, no espaço de um anno depois da data do tratado, delegados especiaes dos dois governos fixarão a fronteira de commun accordo. Entretanto, o *statu quo* será respeitado e a fronteira será Mareb-Belesa-Muna.

Art. V—Até á delimitação definitiva das fronteiras, o governo italiano compromette-se a não ceder territorio a

outra potencia, e se quizesse abandonar espontaneamente uma porção qualquer de territorio, esta entraria de novo sob o dominio da Ethiopia.

Art. VI—Para favorecer as relações commerciaes e industriaes, poderá celebrar-se ulteriormente um novo accordo.

Art. VII—O presente tratado será communicado ás potencias pelas partes contratantes.

Art. VIII—O tratado será ratificado no espaço d'um mez depois da data da convenção.

Os prisioneiros são declarados livres.

Menelik mandal-os-ha sair todos do Harrar para os fazer partir para Zeila logo que a ratificação do tratado seja recebida por telegramma.

A Cruz Vermelha italiana poderá enviar uma secção até Galdessa para ir ao encontro dos prisioneiros.

Tendo o plenipotenciario italiano espontaneamente reconhecido as grandes despesas feitas pelo governo ethiopico para a manutenção e concentração dos prisioneiros, fica estabelecido que o governo italiano reembolsará o abyssinio d'essas despesas.

O imperador declara que não marca a quantia, confiando inteiramente na equidade do governo italiano.

Esta paz é uma derrota para a Italia. O dedo de Deus a pezar sobre os destruidores do poder temporal!

Esmolas

Um nossa caridosa assignante enviou-nos 15500 réis para o Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga, de Braga, e 15000 réis para as Escolas de Santo Antonio do Porto.

Já fizemos entrega das respectivas quantias. Em nome dos contemplados, agradecemos á caridosa anonyma o seu obulo.

Rectificações

Tendo escapado alguns erros, quasi todos de caixa, no artigo «A' memoria do meu que-

rido amigo Padre José Joaquim d'Affonseca Mattos» publicado em o n.º 21 do *Progresso*, aqui os rectificamos.

col.	lin.	li-se	leu-se
1. ^a	22	penitencia	Penitenciaria
2. ^a	26	Roças	Rôças
3. ^a	42	estacionou-se	relacionou se
•	23	valloso	radioso
•	25	9 annos	5 annos
•	57	Gloire	Glaire
•	59	vingés	vençés
•	63	bastante	algun
4. ^a	1	1878 ou 1873	ainda em 1838
•	12	sovera	sorena
5. ^a	27	setembro	outubro

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

EXPEDIENTE

Está a concluir mais um anno do *Progresso Catholico* e a maior parte dos nossos presados assignantes ainda não mandaram pagar a assignatura. Pedimos-lhes, pois, encarecidamente a especial fineza de mandarem pagar o mais breve que lhes seja possivel, para nos habilitarem a satisfazer os nossos compromissos.

São tambem muitos os que estão em divida á antiga empreza. A estes pedimos, ainda com mais encarecimento, se é possivel, que mandem satisfazer os seus debitos. E' de justiça. Aquelles cavalheiros estão, ha muito, desembolsados d'esse dinheiro, e, para prejuizo, basta o que já soffreram.

A todos protestamos desde já o nosso agradecimento, pedindo desculpa d'esta impertinencia, filha da necessidade de regularisarmos contas e de pagarmos a quem devemos.

Vicente Fructuoso da Fonseca,
Administrador do *Progresso Catholico*.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 réis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 15000 réis—Estados da India, China, e America, 15280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto